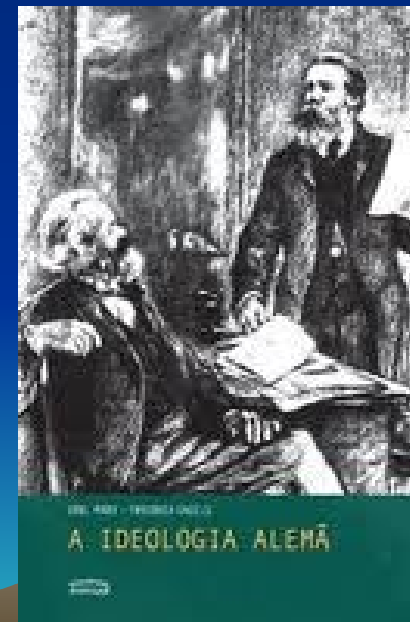
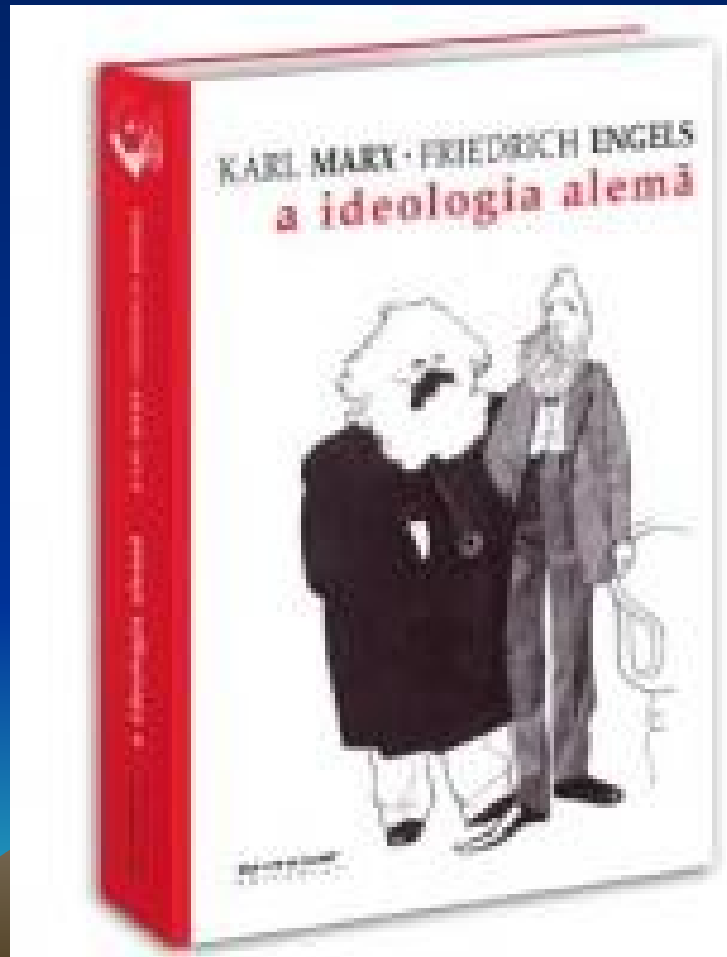
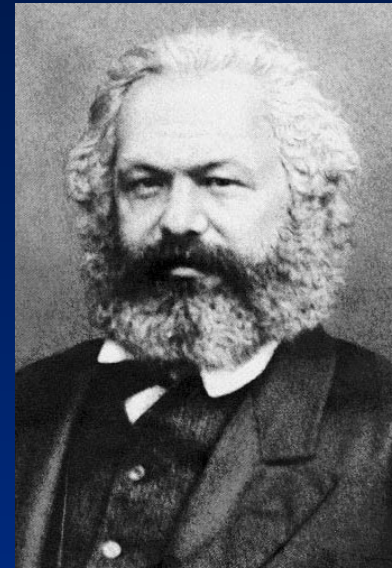


A IDEOLOGIA

ALEMĂ - SEGUNDA PARTE



UMA PRIMEIRA SÍNTESE DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA

- Marx situa a verdadeira relação entre ser social e consciência social (vida e conhecimento, realidade e idéia, prática e consciência): “Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (p.32)
- Na produção social da sua vida, “determinados indivíduos, que são produtivamente ativos de determinado modo (ou, na versão original: em determinadas relações de produção), entram em determinadas relações sociais e políticas”
- É tarefa de uma concepção de história, para Marx, “empiricamente e sem qualquer mistificação e especulação, a conexão da estrutura social e política com a produção” (p.30)
- Portanto, “A estrutura social e o Estado decorrem constantemente do processo de vida de determinados indivíduos” (p.30)



- Marx alerta para um erro constante das teorias sobre a história e a sociedade: no lugar de se basear nas condições reais de existência se fundam em representações que os indivíduos fazem de si e dos outros: a concepção materialista da história se funda, pelo contrário, nos indivíduos “não como eles poderão parecer na sua própria representação ou na de outros, mas como eles são realmente, ou seja, como agem, como produzem material, realmente, como atuam, portanto, em determinados limites, premissas e condições materiais que não dependem da sua vontade” (p.30)
- Para Marx, “A produção das idéias, das representações, da consciência social está em princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, a linguagem da vida real”. O mesmo se aplica à produção espiritual como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc.
- Os homens, neste caso, “são os produtores das suas representações, idéias etc., mas os homens reais, os homens...tal como se encontram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e pelas relações que a estas correspondem até as suas formações mais avançadas” (p.31)



- Marx situa a relação entre consciência e a vida social, realçando a essência histórica dos homens: “A consciência nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo real de vida”
- A sociedade de classes, produtora de alienação e miséria, obscurece as relações sociais, econômicas e políticas: “Se em toda a ideologia os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, é porque esse fenômeno deriva do seu processo histórico de vida” (p.31)
- A crítica de Marx à filosofia idealista alemã e, portanto, ao idealismo filosófico em geral, só pode avançar porque partiu do modo como os homens produzem a sua vida material, para aí então explicar a estrutura social, política e espiritual de cada época: “Em completa oposição à filosofia alemã, a qual desce do céu à terra, aqui sobre-se da terra ao céu. Isto é, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou se representam, e também não dos homens narrados, pensados, imaginados, representados, para daí se chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos, e com base no seu processo real de vida apresenta-se também o desenvolvimento dos reflexos e ecos ideológicos desse processo de vida” (p.31)



- As idéias perdem portanto a autonomia absoluta, a vida própria e livre da atividade real dos indivíduos, como ocorre na filosofia idealista, em que as próprias idéias determinam a realidade: em Marx, pelo contrário, “A moral, a religião, a metafísica, e toda outra ideologia, e as formas da consciência que lhes correspondem, não conservam assim por mais tempo a aparência de autonomia... São os homens, que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem essa sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento” (p.32)
- A Concepção Materialista da História trata de uma história vida, ativa, produzida pelos homens em determinadas condições sociais e limites materiais, de modo que “a história deixa de ser uma coleção de fatos mortos – como é para os empiristas, eles próprios ainda abstratos -, ou uma ação imaginada de sujeitos imaginados, como para os idealistas”
- A filosofia apartada da vida real, autônoma, acima dos homens e do mundo, perde toda a razão de ser e, em seu lugar, se impõe “uma súpula dos resultados mais gerais que é possível abstrair da observação do desenvolvimento histórico. Essas abstrações por si não têm, separadas da história real, o menor valor. Só podem servir para facilitar a ordenação do material histórico, para indicar a sequência de cada um dos seus estratos.



- “Mas não dão, de modo algum, como a filosofia, uma receita ou um esquema segundo o qual as épocas históricas possam ser classificadas”
- Marx conclui sua primeira síntese da **CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA** chamando a atenção para o fato de que esta nova concepção não pode ser tomada como uma receita à qual devemos encaixar a realidade, deformando-a, como ocorreu com alguns marxistas. Nenhuma síntese da história humana pode afastar a necessidade de estudar a fundo todos os processos históricos reais, em suas minúcias, em suas articulações, enfim em suas particularidades. Não à toa, Marx vislumbra no final a necessidade de ir a fundo no estudo das condições sociais, econômicas e políticas da vida real, para que as dificuldades colocadas em nossa frente sejam superadas: “A eliminação dessas dificuldades está condicionada por premissas que de modo algum podem ser aqui dadas, e que só resultarão claras no estudo do processo real da vida e da ação dos indivíduos de cada época” (p.33)



CRÍTICA A HEGEL

- Hegel, tal como seus discípulos, invertem a relação entre realidade e idéia, tornando esta o fundamento do desenvolvimento da história e da vida social, transformando-as em seres autônomos e abstratos, como um determinado ‘Espírito Absoluto’, que a tudo funda, a tudo dá vida e forma
- Para que a filosofia idealista, desde os antigos, pudessem deslocar as idéias da vida humana e torná-las a própria fonte da realidade, foi preciso um longo e tortuoso processo de ruptura entre TRABALHO MANUAL E INTELECTUAL e a formação das classes sociais, possibilitando aos poucos indivíduos a possibilidade de se dedicar exclusivamente à elaboração espiritual. Hegel sintetiza de forma cabal e de forma idealizada esse processo real de separação entre teoria e prática, entre conhecimento e realidade, entre a vida produtiva e a vida espiritual, entre o fazer e o pensar, por fim, entre o ser social e a consciência social. Não à toa, Hegel vê o processo histórico como o próprio desenvolvimento do “Espírito”, da “Idéia” absoluta, como sua manifestação e não o contrário, as idéias como expressão do desenvolvimento histórico dos humanos.





Marx e Engels foram discípulos hegelianos na juventude. Participaram do chamado círculo jovem hegeliano de esquerda, que se opunha aos hegelianos de direita. Ao contrário destes últimos, que usavam o sistema hegeliano para legitimar a monarquia e o domínio da religião, Marx e Engels tiravam do hegelianismo elementos para uma crítica da monarquia, da censura, da religião e das relações semifeudais na Alemanha. Tomando contato com Feuerbach iniciaram uma crítica aos jovens hegelianos e ao próprio Hegel. Tornando-se socialistas, atuando na luta de classes e apropriando-se da economia política, desenvolveram a Concepção Materialista da História, rompendo definitivamente com a filosofia idealista, mas conservando o seu núcleo racional, qual seja a dialética.

- Marx avalia: “Uma vez separadas as idéias dominantes dos indivíduos dominantes, e sobretudo das relações decorrentes de uma dada fase do modo de produção, e atingido assim o resultado de que na história dominam sempre as idéias, é muito fácil abstrair dessas várias ideias “a ideia”, a Ideia etc., como aquilo que domina na história e, desse modo, entender todas as diferentes ideias e conceitos como “autodeterminações” do conceito que se desenvolve na história. E, então, também é natural que todas as relações dos homens possam ser derivadas do conceito de Homem, do Homem tal como representado, da essência do Homem, do Homem. Foi o que fez a filosofia especulativa. O próprio Hegel confessa, no fim da Filosofia da História, que “apenas considerou o curso do conceito” e que na história apresentou a “verdadeira teodiceia”. Podemos agora voltar aos produtores do “conceito”, aos teóricos, ideólogos e filósofos, e chegamos então a esta conclusão: os filósofos, os pensadores enquanto tais, desde sempre dominaram na história – uma conclusão que, como vemos, já foi expressa por Hegel” (p.70)



- Todo o truque de demonstrar na história a supremacia do espírito reduz-se, portanto, aos seguintes três esforços:
- **PRIMEIRO:** separam-se as ideias dominantes das condições dominantes e da própria classe dominante, transformando-as em seres autônomos, desvinculados da vida material real, dos condicionamentos sociais, econômicos e políticos e, por essa via, reconhecem “o domínio das idéias ou ilusões na história”
- **SEGUNDO:** procuram pôr “uma ordem nesse domínio das ideias, demonstrar a sua conexão mística entre as ideias que sucessivamente dominam, o que se consegue pela via de considerá-las “autodeterminações do conceito”. Isso é possível não por serem as idéias determinantes ou autônomas, mas porque de fato elas estão conectadas na vida real



- **TERCEIRO:** para disfarçar o caráter místico e especulativo, os filósofos idealistas, transformam esse “conceito que se autodetermina” em uma pessoa “a Consciência de Si”, e procuram pessoas na história que representam o conceito, o espírito, a ideia
- **CONCLUSÃO DE MARX:** “Desse modo eliminaram da história todos os elementos materialistas e puderam então dar rédea solta ao seu corcel especulativo...ilusão que muito simplesmente se explica pela sua posição prática na vida, pela sua atividade e pela divisão do trabalho” (p.71/72)



CRÍTICA A FEUERBACH

- Marx sempre manteve com Feuerbach uma atitude de profundo respeito, pelo fato de ter sido o primeiro entre os jovens hegelianos de esquerda a fazer a passagem da filosofia idealista para o materialismo filosófico. Naturalmente, essa primeira iniciativa nos começos da década de 1840 carregou as lacunas e impropriedades do materialismo mecanicista do século XVIII
- Marx, entretanto, realiza em *A Ideologia Alemã* e em suas *Teses sobre Feuerbach* uma profunda crítica do “materialismo contemplativo” feuerbachiano
- Feuerbach encara o homem de forma abstrata, contemplativa, e não como homens reais, concretos, que vivem, trabalham, produzem, exploram e são explorados: “ele diz o Homem em vez de os homens históricos reais”
- Para Marx, ao contrário, os homens reais são ativos, práticos: Feuerbach “não vê que o mundo sensível que o rodeia não é uma coisa dada diretamente da eternidade, sempre igual a si mesma, mas antes o produto da indústria e da situação em que se encontra a sociedade, e precisamente





Ludwig Feuerbach, inicialmente discípulo do grande filósofo alemão Hegel, rompe posteriormente com o hegelianismo aderindo à filosofia materialista. A partir do seu materialismo promove uma primeira crítica ao sistema hegeliano, combatendo o seu caráter idealista, ao tempo em que difunde uma crítica fundamental da religião. Suas idéias influenciaram Marx e Engels, até o afastamento definitivo dos dois autores das categorias feuerbachinas e sua crítica radical nas Teses sobre Feuerbach e em A Ideologia Alemã.

- no sentido de que ele é um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações, cada uma das quais, sobre os ombros da anterior, desenvolvendo a sua indústria e o seu intercâmbio
- Feuerbach encara igualmente o homem como “objeto sensível” e não como “atividade sensível”, isto é, como seres práticos, que se relacionam e transformam a natureza e a história: Feuerbach “não concebe os homens na sua conexão social dada, nas suas condições de vida existentes que fizeram deles aquilo que são, nunca chega aos homens ativos, realmente existentes, permanecendo na abstração “o Homem”, e só consegue reconhecer “o homem corpóreo, individual, real” no sentimento, ou seja, não conhece outras “relações humanas” do homem com o homem além de amor e amizade, e mesmo assim idealizados”.
- **CONCLUSÃO DE MARX:** “Nunca chega, portanto, a conceber o mundo sensível como a totalidade da atividade sensível viva dos indivíduos que o constituem e, é por isso obrigado a buscar seu refúgio na “concepção superior” e na “igualização” superior “no gênero”, e portanto a recair no idealismo precisamente onde o materialista comunista vê a necessidade e, ao mesmo tempo, a condição de uma transformação tanto da indústria quanto da estrutura social. Como materialista, para Feuerbach a história não conta; e quando considera a história não é materialista. Para ele materialismo e história divergem completamente”

AS ÍDEIAS DOMINANTES NAS SOCIEDADES DE CLASSES – BASE SOCIAL DAS IDEIAS

- Nas sociedades divididas em classes sociais, a classe dominante se apropria não só dos produtos do trabalho humano, no caso da sociedade capitalista atual, dos produtos do trabalho assalariado. Produz também os meios materiais para forjar as suas ideias e torná-las dominantes
- Para Marx: “As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a quem faltam os meios para a produção espiritual” (p.67)
- As ideias, para Marx, expressam e se vinculam a relações sociais reais, de modo que “As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, das relações que precisamente tornam dominantes uma classe, portanto as ideias do seu domínio” (p.67)



- Há uma íntima conexão dialética entre o domínio material e o domínio espiritual de uma classe: “na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão e, portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideais, regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época”
- A divisão do trabalho no seio da classe faz surgir uma divisão entre a atividade material e espiritual no seio da classe, pelo “que no seio dessa classe uma parte surge como os pensadores dessa classe (os ativos ideólogos criadores de conceitos da mesma, os quais fazem da elaboração da ilusão dessa classe sobre si própria a sua principal fonte de sustento), ao passo que os outros têm uma atitude mais passiva e receptiva em relação a essas ideias, pois que na realidade são eles os membros ativos dessa classe e têm menos tempo para criar ilusões e ideais sobre si próprios” (p.68)



- Os filósofos idealista dessa classe não fazem mais que traduzir a sua época de maneira idealista, colocando no lugar dos produtores e das condições em que se produzem as ideias (as condições sócioeconômicas) o domínio das próprias ideias: “se... Separarmos da classe dominante as ideias da classe dominante, se lhes atribuirmos uma existência autônoma, se nos limitarmos a que numa época dominaram estas e aquelas ideias, sem nos preocuparmos com as condições da produção e com os produtores dessas ideias, se, portanto, deixarmos de fora os indivíduos e as condições do mundo que estão na base das ideias, então poderemos dizer, por exemplo, que durante o tempo em que dominou a aristocracia dominaram os conceitos de honra, lealdade etc., durante o domínio da burguesia dominaram os conceitos de liberdade, igualdade etc. Em média, é isso que a própria classe dominante imagina” (p.68/69)
- Cada CLASSE procura apresentar seus interesses como OS MAIS UNIVERSAIS POSSÍVEIS NA HISTÓRIA: “é obrigada precisamente para realizar o seu propósito a apresentar o seu interesse como o interesse universal de todos os membros da sociedade, ou seja, na expressão ideal: a dar às suas ideias a forma de universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais e universalmente válidas”, “as apresentam como verdades eternas” frente às ideias das épocas anteriores



- CONCLUSÃO DE MARX: TODA NOVA CLASSE REVOLUCIONÁRIA É OBRIGADA NA LUTA CONTRA A CLASSE DOMINANTE A DAR ÀS SUAS IDEIAS O CARÁTER DE UNIVERSALIDADE E APRESENTAR OS SEUS INTERESSES COMO DE TODAS AS OUTRAS CLASSES SOCIAIS DOMINADAS EM DETERMINADA ÉPOCA HISTÓRICA. E DE FATO, A VITÓRIA DA CLASSE REVOLUCIONÁRIA É PROGRESSIVA PARA TODA UMA ÉPOCA. “CADA NOVA CLASSE, POR ISSO, INSTAURA O SEU DOMÍNIO APENAS SOBRE UMA BASE MAIS AMPLA DO QUE A ATÉ AÍ DOMINANTE, PELO QUE, EM CONTRAPARTIDA, MAIS TARDE TAMBÉM O ANTAGONISMO SE DESENVOLVE MUITO MAIS AGUDA E PROFUNDAMENTE. POR AMBAS AS RAZÕES É DETERMINADO O FATO DE QUE A LUTA A TRAVAR CONTRA A NOVA CLASSE DOMINANTE POR SUA VEZ VISARÁ UMA NEGAÇÃO MAIS RADICAL, MAIS DECIDIDA, DAS CONDIÇÕES SOCIAIS ATÉ AÍ VIGENTES DO QUE FORA POSSÍVEL A TODAS AS CLASSES QUE ANTERIORMENTE PROCURARAM DOMINAR. TODA ESSA APARÊNCIA DE QUE O DOMÍNIO DE UMA DETERMINADA CLASSE SERIA APENAS O DOMÍNIO DE CERTAS IDEIAS CESSA, NATURALMENTE, POR SI MESMA LOGO QUE O DOMÍNIO DE CLASSE EM GERAL DEIXA DE SER A FORMA DA ORDEM SOCIAL, LOGO QUE, PORTANTO, DEIXA DE SER NECESSÁRIO APRESENTAR UM INTERESSE PARTICULAR COMO GERAL OU “O GERAL” COMO DOMINANTE” (P69/70)



O PROCESSO HISTÓRICO REAL E AS CATEGORIAS QUE O EXPRESSAM

- **RELAÇÕES SOCIAIS PRIMORDIAIS OU ASPECTOS BÁSICOS DA ATIVIDADE SOCIAL:** “O primeiro pressuposto de toda a existência humana, e portanto, também, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poderem “fazer história”. Mas da vida fazem parte sobretudo comer e beber, habitação, vestuário e ainda algumas outras coisas” (p.40);
- **PRODUÇÃO DOS MEIOS DE SUBSISTÊNCIA:** “O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e a verdade é que esse é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, tal como há milhares de anos, tem de ser realizado dia a dia, hora a hora, para ao menos manter os homens vivos... Assim, a primeira coisa a fazer em qualquer concepção da história é observar esse fato fundamental em todo o seu significado e em toda a sua extensão, e atribuir-lhe a importância que lhe é devida”



- **PRODUÇÃO DE NOVAS NECESSIDADES:** “a própria primeira necessidade satisfeita, ação da satisfação e o instrumento já adquirido da satisfação, conduz a novas necessidades – e esta produção de novas necessidade é o primeiro ato histórico” (p.41)
- **REPRODUÇÃO DAS PESSOAS (FAMÍLIA):** “os homens que, dia a dia, renovam a sua própria vida começam a fazer outros homens, a reproduzir-se – a relação entre homem e mulher, pais e filhos, a família. Essa família, que a princípio é a única relação social, torna-se mais tarde, quando o aumento das necessidades cria novas relações sociais e o aumento do número dos homens cria novas necessidades, uma relação subordinada, e tem de ser tratada e desenredada segundo os dados empíricos existentes, e não segundo o conceito de família”, como querem os ideólogos (p.42).
- **CARÁTER DIALÉTICO DESSAS RELAÇÕES SOCIAIS:** “De resto, essas três facetas da atividade social não devem ser entendidas como três fases diferentes, mas apenas como três facetas ou, para escrever claro para os alemães, três “momentos” que, desde o começo da história e desde os primeiros homens, existiram simultaneamente, e que ainda hoje se afirmam na história” (p.42)



- **INTERCÂMBIO SOCIAL:** “A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, quanto da alheia, na procriação, surge agora imediatamente como uma dupla relação: por um lado como relação natural, por outro como relação social – social no sentido em que aqui se entende a cooperação de vários indivíduos seja em que circunstâncias for e não importa de que modo e com que fim.”
- **FORÇAS PRODUTIVAS x RELAÇÕES DE PRODUÇÃO:** “Daqui resulta que um determinado modo de produção, ou fase industrial, está sempre ligado a um determinado modo de cooperação, ou fase social, e esse modo da cooperação é ele próprio uma força produtiva; e que a quantidade das forças produtivas acessíveis aos homens condiciona a situação da sociedade, e portanto a história da humanidade tem de ser sempre estudada e tratada em conexão com a história da indústria e da troca
- **MATERIALIDADE HISTÓRICA:** “Revela-se, assim, logo de princípio uma conexão materialista dos homens entre si, a qual é requerida pelas necessidades e pelo modo de produção e é tão velha como os próprios homens – uma conexão que assume sempre formas novas e que, por conseguinte, apresenta uma “história”, mesmo que não exista um laço político ou religioso qualquer que una ainda mais os homens (p.43)



- **TRABALHO E CONSCIÊNCIA:** “Só agora, depois de termos considerado quatro momentos, quatro facetas das relações históricas primordiais, descobrimos que o homem também tem consciência. Mas também, logo de início, não como consciência pura. O “espírito” tem consigo de antemão a maldição de estar “preso” à matéria, a qual nos surge aqui na forma de camadas de ar em movimento, de sons, numa palavra, da linguagem. A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real prática que existe também para outros homens e que, portanto, só assim existe também para mim, e a linguagem só nasce, como a consciência, da necessidade, da necessidade orgânica, do intercâmbio com outros homens” (p.43/44). “A consciência é, pois, logo desde o começo, um produto social, e continuará a sê-lo enquanto existirem homens. A consciência, naturalmente, começa por ser apenas consciência acerca do ambiente sensível mais imediato e consciência da conexão limitada com outras pessoas e coisas fora do indivíduo que se vai tornando consciente de si; é, ao mesmo tempo, consciência da natureza, a qual em princípio se opõe aos homens como um poder completamente alienado, todo-poderoso e inatacável, com o qual os homens se relacionam de um modo puramente animal; é, portanto, uma consciência puramente animal da natureza (religião natural)” (p.44)



- **MARX OBSERVA SOBRE O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CONSCIÊNCIA:** “Por aqui se vê imediatamente: essa religião natural ou essa determinada relação com a natureza é requerida pela forma de sociedade e vice-versa. Aqui, como em toda a parte, também se manifesta a identidade de natureza e homem que a relação limitada dos homens com a natureza requer; bem como também a sua relação limitada uns com os outros requer a sua relação limitada com a natureza, precisamente porque a natureza mal está ainda historicamente modificada e, por outro lado, a consciência da necessidade de entrar em ligação com os indivíduos à sua volta é o começo da consciência do homem de que vive de fato numa sociedade. Esse começo é tão animal como a própria vida social dessa fase, é mera consciência de horda”, que se desenvolve a partir do “aumento da produtividade, da multiplicação das necessidades e do aumento da população” (p.44/45)
- **A DIVISÃO DO TRABALHO:** “Desse modo se desenvolve a divisão do trabalho, que originalmente nada era senão a divisão do trabalho no ato sexual, e depois a divisão espontânea ou “natural” do trabalho em virtude da disposição natural (p.ex. a força física), de necessidades, acasos etc. A divisão do trabalho só se torna realmente divisão a partir do momento em que surge uma divisão do trabalho material e espiritual” (p.45).

- DIVISÃO DO TRABALHO, DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS PRODUTIVAS, SURGIMENTO DA PROPRIEDADE PRIVADA, DAS CLASSES SOCIAIS E DO ESTADO: “Com a divisão do trabalho, na qual estão dadas todas essas contradições, e a qual por sua vez assenta a divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em famílias individuais e opostas umas às outras, está ao mesmo tempo dada também a repartição, e precisamente a repartição desigual, tanto quantitativa quanto qualitativa do trabalho e dos seus produtos e, portanto, a propriedade, a qual tem o seu embrião, a sua primeira forma, na família, na qual a mulher e os filhos são os escravos do homem” (p.46).
Desenvolve-se também a contradição entre o interesse de cada um dos indivíduos ou de cada família e os interesses de todos os indivíduos
- “É precisamente por essa contradição do interesse particular e do interesse comunitário que o interesse comunitário assume uma organização autônoma como estado...Daqui resulta que todas as lutas no seio do estado, a luta entre a democracia, a aristocracia e a monarquia, a luta pelo direito de voto etc., não são mais do que as formas ilusórias (ideais) em que são travadas as lutas reais das diferentes classes entre si “ (p.47)

